

---

## O UNIVERSO DOS ÓRFÃOS BAUDELAIRE À LUZ DAS TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO<sup>1</sup>

Lorena Barbosa Roje SANCHES<sup>2</sup>

Gustavo Vilela RIBEIRO<sup>3</sup>

Pedro Vitor Ferreira de SOUZA<sup>4</sup>

Maria Aparecida Resende OTTONI<sup>5</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### Resumo

Este trabalho busca analisar os artifícios que o autor de livros infanto-juvenis, Daniel Handler, utiliza para convencer o leitor a tomar como verdadeiros os fatos fictícios que ele apresenta na sua série de livros “Desventuras Em Série”. Além de persuadir o leitor a acreditar que seu pseudônimo, Lemony Snicket, é uma pessoa verdadeira e que Daniel Handler é só seu correspondente. A fundamentação teórica será embasada em teorias da argumentação, buscando avaliar como o autor busca persuadir o leitor a acreditar nos fatos mencionados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação; Desventuras em Série; Narrativa.

### Introdução

Desventuras em Série é uma saga escrita por Lemony Snicket, pseudônimo do autor americano Daniel Handler, e ilustrada por Brett Helquist. Ao longo dos livros, Lemony Snicket conta a história dos órfãos Baudelaire: Violet, a inventora; Klaus, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [lorenabrs98@gmail.com](mailto:lorenabrs98@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [gustavovr15@gmail.com](mailto:gustavovr15@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [pedromelsouza@gmail.com](mailto:pedromelsouza@gmail.com).

<sup>5</sup> Professora da disciplina de Gêneros Discursivos e Argumentação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [cidottoni@gmail.com](mailto:cidottoni@gmail.com).

---

leitor; e Sunny, o bebê com dentes afiados. A série de livros vendeu mais de 60 milhões de cópias em todo o mundo.

Daniel Handler, ao longo dos livros, busca convencer seu leitor de que a história fictícia da saga “Desventuras Em Série” é verdadeira. Além disso, ele se empenha para fazer o receptor de sua obra acreditar que seu pseudônimo, Lemony Snicket, é uma pessoa verdadeira e que Daniel Handler é só seu correspondente. Para realizar essa análise, selecionamos os livros que compõe a série e somam um total de treze livros, além da nova série do Netflix, homônima à obra e que baseia seu conteúdo na história dos livros e três entrevistas de Daniel Handler.

A série, baseada no romance de série infantojuvenil de mesmo nome por Lemony Snicket, foi produzida pela Netflix e desenvolvida por Mark Hudis. Ela foi lançada na Netflix numa sexta-feira, dia 13, justamente pelo contexto que esse dia possui, popularmente conhecido como “o dia do azar”. Até o início da produção desse artigo, a série possui duas temporadas, mas a continuação já está confirmada. A primeira temporada possui 8 episódios e é baseada nos 4 volumes da saga literária. A segunda temporada possui 10 episódios e conta a história dos volumes 5 até o 9.

A análise nessa pesquisa é feita com base nos seguintes autores: Abreu (2000), que trata principalmente sobre a questão de convencer e persuadir; Aristóteles, que busca enfatizar a retórica na própria prática de persuasão dividindo em quatro mecanismo que formam sua estrutura: o exórdio, a narração, as provas e a peroração; Perelman e Tyteca, que retratam sobre a influência que o auditório recebe; Citelli, que envolve a questão das estratégias argumentativas estarem ligadas a qualquer tipo de meio de comunicação.

Este trabalho está organizado em 5 partes. Nele, são apresentados, inicialmente, são relatados os procedimentos adotados para a constituição do corpus a partir da análise em diferentes tipos de meios de comunicação. Em seguida, os pressupostos teóricos que embasaram os argumentos utilizados. Para a realização do trabalho, é realizada a descrição do material a ser analisado, fazendo um comparativo com alguns exemplos que acontecem nos livros e série da narrativa “Desventuras em Série”, e também entrevistas encontradas pelo próprio autor Daniel Handler. Assim, a análise de dados foi dividida em três premissas: Lemony existe, Os órfãos Baudelaire não são fictícios e o leitor é um detetive.

## **Desenvolvimento**

Essa pesquisa se baseia no estudo de um raciocínio específico para atingir um raciocínio geral, configurando, então, um método dedutivo. Assim, a metodologia se encontra dividida em três etapas: coleta de informações a partir da observação rigorosa da natureza; reunião, organização sistemática e racional dos dados recolhidos; e a formulação de hipóteses segundo a análise dos dados recolhidos.

O corpus a ser analisado serão: o primeiro livro dos treze livros da série “Desventuras Em Série”, intitulado “Mau Começo” (2001), além da obra “Lemony Snicket: Autobiografia Não Autorizada” (2001), as duas temporadas da série da Netflix que carrega o mesmo nome e as entrevistas de Daniel Handler, de três veículos distintos: a primeira realizada pela revista estadunidense *Publishers Weekly* (2012), a segunda feita pela *Amazon Books* (2012) durante uma exposição de livros em Nova York, e a última uma entrevista por James Woodroof para o jornal online britânico, *The Independent* (2011).

Na primeira etapa, o tema do artigo foi escolhido a partir da observação de séries de TV, livros e vídeos na internet, em especial nos materiais específicos relacionados à série de livros “Desventuras Em Série”. Com a pesquisa e a observação, surgiu a hipótese de que as obras e seus desdobramentos possuem grande influência das teorias de argumentação.

Na segunda etapa, foram reunidos trechos da obra de Daniel Handler, assistidos os episódios da primeira e segunda temporada da série, e selecionados trechos de entrevistas de Handler, onde ele comentava sobre Lemony Snicket, como se ele fosse uma pessoa de verdade.

Na última etapa, foram selecionados os teóricos do campo da argumentação que embasam essa pesquisa cientificamente.

Para Abreu (2000), argumentar é um exercício de convencimento e persuasão. Porém, este não vive sem aquele, é preciso que o interlocutor consiga convencer e persuadir o receptor simultaneamente, só assim é possível mudar de verdade a sua forma de pensar. Abreu descreve o ato de convencer como gerenciar informações, demonstrar e provar algo ao outro. Na etimologia da palavra, convencer é vencer junto ao outro. Já persuadir é gerenciar relações e falar levando em conta a emoção do outro. Assim, para o autor, convencer envolve a construção de algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, essa pessoa passa a pensar de modo similar a nós. Persuadir, por

---

sua vez, é construir algo no terreno das emoções, sensibilizando o outro e assim levando-o a agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que queremos que ele realize.

Logo, segundo Abreu, argumentar é, por meio do gerenciamento de informações, convencer o outro de alguma que existe no plano das idéias e de, gerenciando relações, persuadir o outro, no plano das emoções, a fazer alguma coisa.

Segundo Aristóteles, a "retórica é a faculdade de considerar em cada caso o que cabe para persuadir" (1988, p. 10). Perelman e Tyteca ressaltam que a argumentação na linha aristotélica como "as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses apresentadas para seu assentimento" (1999, p. 34).

Aristóteles (1988) define que a retórica tem algo de ciência, ou seja, é um corpus com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir a persuasão. Nesse sentido, a retórica possui quatro mecanismos que formam sua estrutura: o exórdio, a narração, as provas e a peroração. Assim, entende-se que o exórdio é uma estratégia encontrada no começo do discurso, pode ser uma indicação do assunto, um conselho, um elogio, ou uma censura – esse começo é importante porque visa assegurar a confiança e fidelidade do ouvinte no conteúdo que o interlocutor transmitirá ao longo de seu discurso. Depois desse início, encontra-se a narração, que relata os fatos e aborda o assunto propriamente dito. Logo em seguida, nas provas é que se encontrarão os argumentos. Por fim, a peroração é a conclusão, a última chance de assegurar a fidelidade do receptor.

Perelman e Tyteca (1999) discutem em sua obra que cada auditório tem um conjunto de coisas admitidas, as quais podem influenciar na maneira que esse público interpreta a seleção de dados e presença de argumentos do orador. É por isso mesmo que a escolha de palavras, do modo de dizer e de como a mensagem é transmitida são pontos que devem ser escolhidos de forma minuciosa, levando em conta essa pré-construção individual do auditório. A interpretação dos dados pelo público deve proporcionar um só sentido e não ser ambígua, exceto quando essa é a intenção do orador. Falam ainda da qualificação ou desqualificação dos dados através dos epítetos, entendidos como escolhas.

Para Perelman e Tyteca: "A linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão" (1999, p.150). É importante ressaltar que os autores se referem à retórica clássica como a palavra eficaz

---

que busca influenciar o auditório e que, para conseguir isso, deve adaptar-se a ele: "O orador, se quer agir de modo eficaz através de seu discurso, deve se adaptar ao seu auditório" (PERELMAN, 1999, p. 35).

Segundo Citelli (2002), não existe veículo informacional – seja revistas, livros, jornais – que não seja persuasivo. Todos se utilizam de alguma estratégia argumentativa para impelir uma ideia ou várias em seu receptor. Existem, na realidade, graus de persuasão: veículos que deixam mais ou menos claras suas intenções na hora de persuadir o seu receptor. Para ele, “generalizando um pouco a questão, é possível afirmar que o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo. É muito difícil rastreamos organizações discursivas que escapem à persuasão” (2002, p. 6).

No entanto, Citelli insiste que dentro das relações entre retórica e persuasão, o ato de convencer alguém de alguma coisa não entra na discussão se aquilo é verdade ou não. Antes de tudo, para ele, persuadir é aconselhar aquela pessoa à aderir suas próprias ideias. É possível então que o interlocutor esteja trabalhando com uma verdade manuseada ou algo que é verossímil, ou seja, algo que pareça intuitivamente verdadeiro.

### **A primeira premissa: Lemony Snicket existe**

O autor Daniel Handler não só usa o pseudônimo, mas utiliza de diversos artifícios para tentar provar que Lemony Snicket existe. Handler usou pela primeira vez o pseudônimo quando, pesquisando sobre organizações de extrema direita, não queria expor seu nome real e resolveu dar esse nome falso. E para espalhar o seu pseudônimo, ele se juntou aos seus amigos e fizeram cartões de visita para a identidade de Handler, além de criarem um coquetel que chamaram de “Lemony Snicket”.

Mais tarde, Handler achou apropriado utilizar seu pseudônimo na criação dos livros que contam a história dos órfãos Baudelaire, justamente para fomentar o ambiente de mistério que permeia a obra. Assim, nasce Lemony Snicket.

Handler conversa com o leitor em sua obra de forma que o estimula a buscar respostas, porque surgem várias perguntas ao longo da história dos órfãos e de Snicket. O autor, dotado da retórica, que é a arte de transmitir com convicção alguma ideia de forma eficiente e persuasiva, busca convencer o leitor de que Lemony Snicket existe, e é uma espécie de detetive e escritor que busca incessantemente encontrar as respostas para todo caos e infortúnio que envolve os órfãos.

---

A retórica e argumentação são usadas nesse caso como uma forma de persuadir o leitor a tomar para ele a existência de Lemony Snicket como uma verdade. Logo, Daniel Handler persuade seu leitor a acreditar na história com seus artifícios e estratégias, criando assim uma narrativa verossímil, onde o personagem Snicket é verdadeiro e existe apenas dentro da lógica da história de Handler. Nas palavras de Citelli:

Verossímil é, pois, aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica. Daí a necessidade, para se construir o “efeito de verdade”, da existência de argumentos, provas, perorações, exórdios, conforme certas proposições já formuladas por Aristóteles na Arte retórica. Persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor (CITELLI, 2002, p. 13).

Analisando as entrevistas (2011, 2012), Daniel Handler constrói um personagem para Lemony Snicket que vai além da ficção. Em diversos trechos, ele se refere a Snicket como uma pessoa real. Na entrevista para a Amazon Books (2012), ele afirma acreditar que Lemony Snicket está na exposição de livros, e diz que a última vez que o viu foi algumas horas antes. Ainda se refere ao personagem como um homem muito bonito e vestido com um terno de cauda marrom e azul.

No início de “Mau Começo”, primeiro volume da série, Lemony faz uma breve autobiografia:

Eu, LEMONY SNICKET, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica. (SNICKET, Lemony, 1999, p. 6).

### **A segunda premissa: A história dos Baudelaire não é ficção**

Na obra, Daniel Handler sempre se refere aos Baudelaire como personagens reais, e ao “caso Baudelaire” como um caso real investigado por Lemony Snicket, como se este fosse um detetive.

Segundo Abreu (2000), não é possível argumentar sem utilizar dois mecanismos simultaneamente: o convencimento e persuasão. Logo, na série produzida pela Netflix, o

---

personagem e narrador Lemony Snicket convence quem assiste a série acerca da veracidade da história dos Baudelaire, se colocando no lugar de testemunha, como narrador e observador e apresentando diversas informações organizadas e lógicas. Além disso, também persuade os receptores, na medida que fala levando em consideração a emoção destes, sempre lembrando ao espectador sobre os infortúnios que três irmãos estão vivendo, e de como sua história é trágica. Essas estratégias podem ser interpretadas nos trechos do 5º episódio da 1ª temporada, quando Snicket inicia o episódio dizendo: “Se você não conhecesse as desventuras do Baudelaire e os visse desembarcar da Barca Volúvel no cais de Damôcles, pensaria que estivessem numa grande aventura. E estaria muito enganado. Meu nome é Lemony Snicket. É meu triste dever contar a história das trágicas vidas dos Baudelaire” (2017).

Já na série de livros, em cada uma das obras, Handler deixa, no final do livro, uma carta para seu Editor, conversando diretamente com este. É assim que ele constrói um universo onde a história dos Baudelaire não é fictícia, e sim um caso real que ele necessita que seja contada ao grande público. Essa estratégia argumentativa é dotada de retórica, onde o autor utiliza da verossimilhança para construir algo que possui efeito de verdade, e dentro de sua própria lógica interna criar uma verdade própria (CITELLI, 2002).

### **A terceira premissa: o leitor como detetive**

Daniel Handler utiliza de estratégias para fazer o leitor se sentir detetive enquanto consome sua obra, como se quem lê estivesse investigando e conhecendo a fundo o “caso Baudelaire” e o próprio Lemony Snicket, que em toda obra diz que precisa, com urgência, contar a história dos órfãos, como nos trechos já apresentados do livro e da série. Essas estratégias são construídas na medida que Handler cria um universo para seus personagens, constituído pelos locais apresentados, a história dos três e todo mistério envolvido na história, constituindo uma trama e estabelecendo a narrativa em camadas.

Outra estratégia de Handler é se aproximar do público por meio da quebra da quarta parede – expressão usada em mídias para se referir à divisória entre a ficção e a audiência. Ao longo da obra escrita, há diversos trechos onde o autor se dirige diretamente ao leitor, explicando o significado de uma palavra ao público, comentando sobre uma situação específica que o leitor pode ter passado ou pedindo para que ele não continue a ler a obra, por se tratar de uma história triste e trágica. Para exemplificar, há o trecho:

---

“Não sei se vocês já perceberam, mas as primeiras impressões muitas vezes são inteiramente falsas” (SNICKET, 2001, p. 22).

Esses artifícios, que Handler utiliza, possibilitam uma aproximação entre orador e público. Para Perelman e Tytheca, essa estratégia é fundamental na argumentação e retórica:

Cada meio poderia ser caracterizado por suas opiniões dominantes, por suas convicções indiscutidas, pelas premissas que aceita sem hesitar; tais concepções fazem parte da sua cultura e todo o orador que quer persuadir um auditório particular tem de se adaptar a ele. Por isso a cultura própria de cada auditório transparece através dos discursos que lhe são destinados, de tal maneira que é, em larga medida, desses próprios discursos que nos julgamos autorizados a tirar alguma informação a respeito das civilizações passadas (PERELMAN & TYTHECA, 1999, p.23).

Além disso, ao quebrar a quarta parede e se dirigir ao leitor no início das obras, alertando que ele não deve continuar lendo a história por ser muito triste, Handler o prende na leitura, no que Aristóteles nomeia como exórdio, que é o início do discurso persuasivo e responsável pelo primeiro contato, que deve estabelecer uma relação de fidelidade entre receptor e transmissor do conteúdo. Ora, mesmo que pareça paradoxal que o leitor fique preso a uma obra em que o narrador pede que este pare de ler o livro, é essa relação de desobediência que irá prender o leitor em um primeiro momento.

### **Considerações finais**

O livro pode ser lido de diversas formas. Pode ser considerado como feito para o público infanto-juvenil, com um tom irônico e uma leitura superficial, mas que seja agradável. A outra alternativa é ser lido com ideia de que a história proporciona diversas críticas intrínsecas diante das várias instâncias da sociedade, com um tom de ironia embutido. Podemos ter também uma terceira leitura possível, na qual o leitor pode desvendar que existem possíveis referências literárias ao longo da série, e em como Lemony Snicket está criando e recriando histórias que já foram contadas antes.

Assim, a narrativa de múltiplas interpretações e diversas camadas de histórias acaba prendendo a atenção do leitor, que se interessa pela aura de mistérios e segredos que permeiam o enredo dos livros. Handler, com maestria, mantém paralelamente diversas histórias em ressonância com a dos jovens Baudelaire e torna o livro interessante



e de fácil leitura. Logo, durante a leitura, o autor consegue convencer o leitor e envolvê-lo com sua história.

Com a análise realizada, é possível concluir que, com diversas estratégias e artifícios, Daniel Handler consegue transportar seu leitor para uma narrativa profunda e complexa, que se depara com uma obra que é um dossiê da vida de diversas pessoas que parecem reais, mas que na realidade só existem no papel. Com os livros e a série, Handler busca persuadir e convencer um leitor a aceitar a história que está sendo apresentada.

## Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1988.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DANIEL, Handler. **Discussing Lemony Snicket**. [s.l]: Amazon Books, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fs0qXkYSCSc>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

INTERVIEW: Daniel Handler, AKA **Lemony Snicket, on his new book, Who Could That Be at This Hour?**. [s.l]: Publishers Weekly, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QDntEpR6ruE>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

LEMONY Snicket: Desventuras em série. Direção de Barry Sonnenfeld. Vancouver: Paramount Television, 2017. Son., color. Legendado. Disponível em: <[netflix.com](https://www.netflix.com)>. Acesso em: 16 nov. 2018

LEMONY Snicket interview by James Woodroof. [s.l]: **The Independent**, 2011. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mCE13Xpjd9A>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PERELMAN, Chäim; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SNICKET, Lemony. **Lemony Snicket**: autobiografia não autorizada. Tradução de Ricardo Gouveia. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mau começo**. Ilustrações de Brett Helquist; tradução de Carlos Sussekind. –São Paulo: Companhia das Letras, 2001.